ESTRUTURA FÍSICA E FUNCIONAMENTO DO CENTRO DE MATERIAL E ESTERILIZAÇÃO¹

Heloisa Raquel Kassburg², Vivian Lemes Lobo Bittencourt³, Francisco Carlos Pinto Rodrigues⁴, Clara Maria Borchardt Pereira⁵

¹ Heloísa Raquel Kassburg Clara Maria Borchardt Francisco Carlos Pinto Rodrigues Vivian Lemes Lobo Bittencourt

² KASSBURG, Heloisa Raquel

³ BITTENCOURT, Vivian Lemes Lobo

⁴ RODRIGUES, Francisco Carlos Pinto

⁵ PEREIRA, Clara Maria Borchardt

Introdução: O Centro de Material e Esterilização (CME), consiste em um setor especializado, prestador de assistência indireta e de apoio técnico necessário ao cuidado dos pacientes, sendo o responsável pelo tratamento dos variados processamentos de materiais, vitais à assistência direta ao enfermo. Tem como missão prover o processamento de materiais assistenciais livres de contaminações, funcionais e seguros para todas as unidades de assistência à saúde e de diagnóstico (CARLOS et al, 2020). No CME, as dimensões e a localização da área física devem permitir um fluxo contínuo e unidirecional dos materiais, a fim de evitar o cruzamento dos materiais sujos com limpos e/ou esterilizados (BRASIL, 2012). Erros em quaisquer partes desse fluxo resultam na possibilidade de infecção hospitalar (SILVA, 2018). Objetivo: ressaltar a importância da correta estrutura física e funcionamento do CME. Metodologia: Trata-se de uma revisão narrativa, desenvolvida nas bases de dados Google Acadêmico, LILACS, SCIELO e BVS, usando os seguintes descritores em português: Esterilização, Desinfecção e Controle de Infecções. Optou-se por buscar publicações dos últimos cinco anos. A busca foi realizada em novembro de 2020. Foram selecionados seis artigos científicos para composição do corpus de análise. Assim como, consideramos e utilizamos a RDC nº15, publicada pelo Ministério da Saúde em 2012 para fundamentação legal do setor. Resultados: Em termos de funcionamento os CMEs, segundo a RDC nº15, no seu artigo 5º menciona que os CMEs se classificam em Classe I e Classe II. O CME Classe I é aquele que realiza o processamento de produtos para saúde (PPS) não críticos, semicríticos e críticos de conformação não complexa, passíveis de processamento, já o Classe II realiza o mesmo processamento, porém de Processamento de Produtos para a Saúde (PPS) com conformação complexa e não complexa, passíveis de processamento (BRASIL, 2012). A mesma legislação, menciona ainda que os PPS classificados como não críticos serão submetidos ao processo de limpeza; os semicríticos, ao processo de desinfecção de alto nível, após a limpeza; e, os críticos serão esterilizados, após a limpeza e demais processos. Para avaliar a qualidade da assistência realizada no CME, existem indicadores de estrutura; recursos materiais e humanos; política organizacional; e esses resultados indicam um produto seguro e satisfatório (SILVA, 2020). Podese dizer que algumas instituições não seguem, ou seguem parcialmente as normatizações

quanto a estrutura, funcionamento e disponibilização de recursos humanos para o CME, fator que pode gerar complicações, não somente ao paciente, mas aos profissionais que atuam nesse setor (BITTENCOURT et al., 2015). Alguns obstáculos encontrados na montagem e funcionamento adequado de um CME são atribuídos ao alto custo de maquinário e sua manutenção; ausência de pessoas especializadas; burocracia para aquisição de materiais; área física diminuída; e, falta de planejamento (PEREIRA, et al, 2019). Conclusões: Ressalta-se a importância de se aprofundar desde a graduação em relação a temática, principalmente no que diz respeito a estrutura física e funcionamento do CME. Pois, acredita-se que uma adequada estrutura física, recursos humanos, educação continuada e planejamento do CME refletem diretamente na segurança dos pacientes e no controle de infecções.